

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO X

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 52

São Paulo, Julho-Setembro de 1964

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Gerente — Olívio DROSCO

Redactor-Chefe — José de OLIVEIRA PINHO



Sua Alteza Imperial e Real Sr. Dom Pedro
Henrique de Bragança (Dom Pedro III)

ANIVERSÁRIO DE S. A. I. R. SR. Dom Pedro
Henrique de Bragança

Celebrámos aos 13 de Setembro mais um aniversário de DOM PEDRO III.

"Se no domínio dos factos contemporâneos, (A revista "A Ordem") tem apoiado sempre o "facto" das autoridades republicanas legitimadas pela posse ininterrupta do poder, — dizia Jackson de Figueiredo em set. de 1925 — jamais esqueceu que tôdas elas representam a vitória da revolução (internacional), e mais do que isto: figuras da experiência revolucionária, anti-cristã, na esfera da civilização ocidental. Sabemos, pois, que HOMENAGEAR A FAMILIA IMPERIAL BRASILEIRA, É, QUANDO MENOS SEJA, UM COMO PROTESTO DE PATRIOTISMO CONSCIENTE, PROTESTO CONTRA AS MISÉRIAS DE CADA HORA VENCIDA, PROTESTO DE ESPERANÇA NO FUTURO NACIONAL.

"Não vale mais a pena analisar o erro gravíssimo do nosso último Imperador, a cujo cepticismo devemos, por assim dizer, a vitória republicana, encarnada em meia dúzia de mediocríssimos audaciosos, que um único gesto de energia teria para sempre reduzido ao silêncio e à mais perfeita passividade, como o têm provado de-

O NOSSO ENDEREÇO
EM VIRTUDE DAS NOSSAS DIFICULDADES
COM CAIXAS POSTAIS, TEREMOS POR ENDE-
REÇO, ATÉ POSTERIOR AVISO, O SEGUINTE:
Rua Capitão-Mor Jerónimo Leitão, 108, sobreloja.
S. Paulo — Brasil

SIGNIFICAÇÃO DO 18 DE JULHO ESPANHOL

18 de Julho não é apenas a Festa Nacional da Espanha. É uma data de grande significação para o Ocidente. Para toda a Cristandade.

Diante das realidades políticas dos dias de hoje, com as transformações operadas na estratégia da guerra e da política — formando ambas uma continuidade, segundo a tese de Clausewitz, confirmada de um modo patente em seguida à última guerra mundial — podemos avaliar melhor o sentido da guerra civil espanhola, tão desconhecida e tão malsinada... como tudo o que é da Espanha!

A expansão mundial do marxismo, a guerra fria, a guerra subversiva e psicológica, a tática envolvente da "coexistência pacífica", tudo isto nos faz entender perfeitamente a lógica das direitas espanholas, que, depois daquele fracasso da CEDA (Confederación Española de Derechas Autónomas), admitindo o diálogo parlamentar com socialistas e comunistas, acabaram por verificar quão ilusória seria qualquer solução que não erradicasse totalmente as esquerdas do solo peninsular.

Note-se bem que as expressões "direita" e "esquerda" passaram depois a ter outros sentidos, e até mesmo a perder todo sentido, em meio ao confusãoismo semântico e ideológico em que andamos metidos hoje. A oposição entre fascismo e comunismo, encarnando respectivamente a direita e a esquerda, afigura-se a muitos como o característico essencial da guerra espanhola. Trata-se, na verdade, de uma deturpação completa do sentido daquele movimento. Não obstante o aspecto interna-
(cont. pág. seguinte)

pois governos mais fracos que o monárquico, contra a rebelião das próprias forças, no que estas têm de mais fanaticamente nivelador e desassociativo.

"O que vale a pena é APONTAR SEMPRE A FAMILIA IMPERIAL COMO PROVA DE QUE O BRASIL BRASILEIRO, O BRASIL TRADICIONAL E CRISTÃO AINDA ESTÁ VIVO, E É MESMO A ESPERANÇA QUE RESISTE A TODAS AS MISÉRIAS E DESILUSÕES.

"Não pode passar, pois, despercebida nesta revista a data natalícia de S. A. D. Pedro Henrique Afonso Filipe Maria, Príncipe Imperial e do Grão-Pará, nascido, COMO SABEM TODOS OS BRASILEIROS DIGNOS DESTES NOME, a 13 de setembro de 1909. Sua Alteza nasceu no exílio, em França, e foi baptizado no Castelo d'Eu, com água da Carioca. Teve como padrinho S. A. o Príncipe D. Afonso, chefe da Casa Real de Nápoles, seu Avô Materno, e S. M. a Sra. D. Isabel — a Redentora. — A apresentação de S. A. na pia baptismal foi feita pela Sra. Baronesa de S. Joaquim".

São hoje a propósito MAIS DO QUE NUNCA essas palavras do grande Apóstolo do verdadeiro Nacionalismo, o Tradicionalista, Jackson de Figueiredo, inteligência lúcida e quase profética, criador do CENTRO DOM VITAL, que foi grande enquanto esposou a posição SEMPRE ACTUAL do seu extraordinário fundador.

Sua Alteza Imperial e Real DOM PEDRO HENRIQUE DE BRAGANÇA, por si e por seus descendentes, continua a ser a esperança da SALVAÇÃO DEFINITIVA da Pátria Imperial Brasileira, cancerada pela república anti-nacional, corrupta, corruptora e subversiva.

cional — a Cruzada de 1936 apresentou traços peculiaríssimos e que só o contexto histórico da Espanha, desde a guerra da independência, contra Napoleão, pode fazer-nos compreender.

A guerra da independência, as guerras carlistas e a guerra nacional de 1936 formam uma trilogia, uma sequência lógica e histórica, em que o povo espanhol demonstra uma extraordinária capacidade para compreender, no fundo das grandes questões políticas de nossa época, o problema religioso. Revelação ou Révolution, voilà le fond des choses! escrevia Luis Veuillot. Os espanhóis que se levantaram contra Napoleão não pegaram em armas apenas para expulsar o invasor. Fizeram-no sobretudo para epor uma barreira à penetração da ideologia revolucionária e impia de 1789 num país que conservava a unidade espiritual e católica em face da Europa dividida espiritualmente pelo protestantismo e pelo racionalismo. Tanto assim que, mais tarde, acolhiam de braços abertos os soldados franceses, comandados pelo Duque de Angoulême, os quais transpunham os Pireneus para ajudar as populações do norte da península em defesa das autênticas tradições nacionais violadas por um constitucionalismo espúrio. Quanto ao carlismo, não foi simplesmente uma disputa em torno da legitimidade dinástica: O QUE OS ADEPTOS DE D. CARLOS DESEJAVAM, ACIMA DE TUDO, ERA FAZER PREVALECEER O RESPEITO À LEGITIMIDADE HISTÓRICA COMPROMETIDA PELO GOVERNO DE MADRID AO INOCULAR NA MONARQUIA O VIRUS DO LIBERALISMO. Finalmente, na insurreição de 18 de Julho de 1936, o que vemos é a união nacional contra o comunismo ateu fazendo superar as contendas partidárias e alcançando, após três anos de luta sangüinolenta, a libertação do país.

A autêntica direita na Espanha define-se por uma palavra: TRADICIONALISMO. E a esquerda era logicamente o comunismo. Hoje, quando se usam tais expressões, designa-se com a "direita" o capitalismo liberal e com a "esquerda" o comunismo. Neste caso temos dois extremos que se tocam, pois os princípios socialistas, que acabaram por conduzir ao comunismo, decorrem de premissas liberais, e QUE É O COMUNISMO SENÃO UM GRANDE CAPITALISMO DE ESTADO?

Eis por que a doutrina social católica não pode ser colocada nem à direita, nem à esquerda, não sendo tão-pouco um meio termo, pois se situa num plano superior de princípios, resultante da visão teocêntrica do mundo e das realidades sobrenaturais negadas por aquelas ideologias.

Ora, na Espanha a direita significava a posição dos que se colocavam nesse plano da concepção cristã do homem e da sociedade, e a esquerda era a lógica da Revolução, isto é, dos que a levavam às últimas consequências, aceitando o materialismo comunista.

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA DE 1936. TÃO MAL CONHECIDA E TÃO DESFIGURADA PELA IMPRENSA MUNDIAL E PELOS CONTROLADORES DE CÉREBROS, NÃO LIVROU APENAS A ESPANHA DA TIRANIA VERMELHA. SE NÃO FOSSE ELA, A CORTINA DE FERRO SE ESTENDERIA HOJE ATÉ ÀS MARGENS DO ATLÂNTICO. Ou melhor: o imenso Oceano que nos liga ao Velho Mundo deixaria de ser o mare nostrum que espanhóis e portugueses nos legaram, e cujas sentinelas avançadas são duas nações lusitadas da Europa e da América, para se transformar no mare rubrum do Império soviético.

J. P. GALVÃO DE SOUSA

Manter o Brasil em república é o mesmo que forçar uma água a viver num galinheiro

A REVOLUÇÃO ENVERGONHADA... OU DE REVOLUCIONÁRIOS SEM-VERGONHA

Ao ser concedido, por unanimidade, o habeas-corpus impetrado em favor do filho do Marechal Taurino de Resende, o Ministro Pedro Chaves emitiu um voto tecendo considerações das mais oportunas sobre certas contradições do momento brasileiro.

Não foi em vão que um conhecido escritor francês, escrevendo sobre o Brasil, denominou o seu livro: "Brasil, país dos contrastes". E vejamos o que diz a propósito esse livrinho que já teve várias edições e se intitula "Brasil para principiantes".

Vamos, pois, ao voto do Ministro Pedro Chaves.

O ilustre magistrado faz ver que, em face das leis do país, não podia deixar de ser concedido o habeas-corpus em questão, por se tratar de denúncia que não é prevista com nenhuma capitulação penal. E sabido que o juiz nunca pode aplicar pena que não esteja determinada na lei. Não pode haver crime, nem pena, no direito positivo, sem uma lei que a um e a outra estabeleça. Nullum crimen, nulla poena sine lege.

Estamos, portanto, em face de uma falha na legislação vigente. O mesmo que se deu com a Constituição, como o reconheceu o autor do Ato Institucional: a nossa lei magna tornara-se insuficiente, e era um instrumento incapaz de permitir todas as medidas necessárias para garantir a segurança nacional.

Se o filho do Marechal Taurino se excedeu e contribuiu para a propagação do comunismo, fê-lo através de certos atos que, ao ver dos Ministros do Supremo Tribunal Federal, não merecem capitulação penal.

Ao juiz cabe cumprir a lei, e nada mais.

Mas... agora vem a questão... o que não podem fazer os magistrados na aplicação do direito, podem e devem fazê-lo homens que se pretendem chefes revolucionários.

A situação gravíssima em que se encontrava o Brasil levou os nossos militares a saírem a campo para o que se chamamos uma revolução. Tratava-se de um movimento de salvação nacional. A deposição do governo anterior, a promulgação do Ato Institucional, as medidas excepcionais tomadas, tudo isto se fazia como determinação de um poder revolucionário, isto é, um poder de fato, que procurava quebrar os quadros de uma legalidade sem raízes na consciência popular e na história, com o fim de restaurar a legitimidade nacional no seu sentido mais profundo.

Entretanto... o que se viu depois? — Uma revolução que quis processar-se dentro da Constituição, das leis e dos regulamentos! Deliciosas contradições do "país de contrastes"!

Com a palavra o Ministro Pedro Chaves: "Há, nesta revolução, no momento em que estamos vivendo, uma evidente contradição; alguma coisa está positivamente errada porque, se há idéias que se repelem, que "hurient de se trouver ensemble", são estas, de "revolução" e de "Constituição". E o Ato Institucional, que procurou dar colorido ao movimento de 31 de março, no artigo 1.º diz que "está em vigor a Constituição de setembro de 46".

"Esta Constituição de setembro de 46, como todas as constituições inspiradas no princípio da liberal-democracia, é uma Constituição que não oferece meios de defesa às instituições nacionais e é uma Constituição onde se prega um liberalismo à Benjamin Constant, pleno, amplo e absoluto, mesmo contra os interesses que se presumem ser da nacionalidade, porque consagrados por uma Assembléa Constituinte.

"Assim, há abuso de liberdade de imprensa, há abuso de liberdade de pensamento, há abuso de imunidades parlamentares e há abusos da liberdade de cátedra. Não podia ter passado pela cabeça de nenhuma constituinte, honestamente consciente das necessidades nacionais, transformar o direito de liberdade de cátedra em liberdade de incutir no ânimo dos estudantes idéias que são contrárias àquelas proclamadas e consagradas pela Constituição".

Além as idéias pregadas pelo filho do Marechal Taurino, como professor de Introdução à Ciência Econômica numa Universidade Católica — sim senhores, Universidade Católica! — não eram apenas contra a Constituição, mas contra as mais sagradas tradições nacionais, contra a Família, — que a Constituição coloca "sob a proteção especial do Estado", — contra os princípios morais em que assenta a nacionalidade.

E os magistrados se acham desarmados para defender os fundamentos da nossa ordem jurídica e social! E os homens de armas não têm coragem para tirar de uma vez a espada em defesa da Pátria em perigo!

Não! A revolução precisava respeitar a Constituição! Se não, o que haviam de dizer no estrangeiro?!... A revolução não podia fechar o Congresso. Se o fizesse, onde o respeito à democracia?!...

Eis o que se pode chamar, na verdade, uma revolução envergonhada.

AVARÉ BRITO

SUCESSES E SOLUÇÕES SEM SUCESSO POSSÍVEL

1. Diz o sr. Thomas Leonardos: "A história da República é, na realidade, uma história de curtas, de repetidas sucessões presidenciais e a dura verdade é que ainda não se conseguiu construir uma ordem jurídica constitucional satisfatória, que pudesse evitar que a sucessão presidencial fosse, entre nós, um permanente pesadelo; um convite à anarquia; uma festa para os extremistas; uma tentação para os desmandados, em suma, uma porta mal trançada contra o desordem.

A evolução política brasileira entrou, assim, a contrariar artificialmente a indole pacífica e ordeira do nosso povo, tomando um aspecto desnecessário de intermitência revolucionária, a indicar a permanência de graves defeitos no planeamento jurídico estatal da República" (As Vésperas da Quinta República, de Thomas Leonardos, págs. 16 e 17), citado no "Estado de SP", 28.7.64.

Daríamos uma boa gargalhada, se tão sério não fôra o assunto.

Ora bolas! A história da República não é a HISTÓRIA DO BRASIL, pois essencial, tradicional, orgânica e existencialmente O BRASIL NÃO É REPUBLICA. É esta uma imposição TOTALITÁRIA que já está durando demais. E, como não tem condições próprias, substanciais, para DURAR, apenas "permanece" engendrando mudanças tão ARTIFICIAIS COMO ELA MESMA e não conseguindo NUNCA "institucionalizar-se".

Ainda que por desgraça dos brasileiros decentes — a MAIORIA, isto é os não politiquinhos e não aproveitadores — a república durasse quinhentos anos... (Do que Deus nos livre!), ser-nos-ia sempre e cada vez mais pesadelo, convite à anarquia começada em 1889, festa para os extremistas (entre os quais por ironia e necessidade talvez nos incluíssem...), tentação para corruptos, corruptíveis, subversivos, ladrões de todos os naipes, desordeiros e assassinos de todas as lidas, politicantes e doutrineiros profissionais, marginais teorizadores referidos de vazios artificios cerebrais e cerebrinos pretendentes à marcação de estados estrangeiros, à criação de utopias anti-brasileiras, copiadas de fantasias rousseauistas, hobbesianas, mar

xistas, ou paranoias geradas entre dois bocejos dum bestunho bestialógicamente mirabolante para... salvar o Brasil, como em 89, quando não precisávamos ser salvos senão dos próprios diminutos republicanos que nos arrasaram e continuam vorazmente a arrasá-lo até hoje.

2. As SUCESSÕES não são problema brasileiro: são problema REPUBLICANO. Não interessam senão aos que insistem em manter-nos na frustração e na desgraça. O nosso verdadeiro problema é INSTITUCIONAL. O BRASIL TEM UM REGIMEN PRÓPRIO, O MONARQUICO, que lhe foi violentamente roubado (sem motivo sério e decente), com pretexto egoístico de uma crise forjada em alforjas secretas... e internacionais.

Qualquer tratadista sério, portanto, deve PRIMEIRO QUE TUDO cuidar disso, a saber: do nosso PROBLEMA INSTITUCIONAL. Fingir ignorá-lo é estupidez além de desonestidade e subserviência a motivos ocultos, indignos de homem livre.

NÃO NOS INTERESSAM "MODOS DE SER REPÚBLICA". Seria, como há sempre sido, a volta ao vômito, a renúncia ao uso da razão. Precisamos de VOLTAR À MONARQUIA-IMPERIAL, o nosso sistema, o nosso "way of life" natural, tradicional, que não nos decepcionou no passado. Fiquem os Estados-Unidos verdadeiros com o seu republicanismo presidencialismo. Deixar que frua a Inglaterra o sistema régio parlamentar próprio. Nós, porém, voltemos AO QUE É NOSSO, sem nécio complexo de inferioridade e sem medo imbecil às chamadas pressões internacionais. Países menos poderosos do que nós enfrentaram caretas alheias para SEREM AUTÊNTICOS e resguardarem os seus legítimos interesses. Não sejamos moleques acachorrados entre as nações. O NOSSO REGIMEN TRADICIONAL É O MELHOR DA AMÉRICA. E é também A NOSSA ORIGINALIDADE NA AMÉRICA E NO MUNDO INTEIRO.

3. Não nos interessa outrossim andarem cacarejando por aí que o mal foi a revolução de 22, de 24, de 30, de 37, de 45, de 55, e todas as quejandas havidas inumeráveis nestes últimos 75 anos.

Quem fez a de 1889? Com que direito? Com que delegação? Qual a potência estrangeira então interessada em nosso aniquilamento? Qual?

Em 1889 havia relativamente MUITO MENOS REPUBLICANOS do que o NÚMERO RESPEITÁVEL de Patrianovistas e, sobretudo, de MONARQUISTAS EM GERAL em todo o Brasil de 1864.

Aqueles são as perguntas que DEVEM SER RESPONDIDAS. O resto é conversa fiada. A república é uma desgraça completa (expressão do próprio Deodoro!) que está aí. Vamos continuar com isso? Vamos adiar MAIS UMA VEZ a salvação do Brasil, dando preferência a utopias tantíssimas vezes desmoralizadas? Continuaremos insinceros como até ontem?!

4. Chega de modos de ser república! O QUE NÃO PRESTA É A PRÓPRIA REPÚBLICA. Fora com os marginalismos estultos! Preferiremos a falência nacional à penitência dos erros de setenta e cinco anos?

FIZEMOS UMA REVOLUÇÃO. E OS PATRIANOVISTAS ESTIVERAM A FUNDO DENTRO DELA. E ela vai-se desmoralizando, com tantas covardias, bobagem, impunidades, ignorâncias e traições a si mesma e ao Povo Brasileiro.

Vamos prosseguir às palhaçadas?!

Com a palavra os meus Amigos Revolucionários responsáveis pelo que vai sucedendo em nosso Império, lançado por Dom João VI em 1808, confirmado por D. Pedro I em 1822 e engrandecido por D. Pedro II até 1889.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

Idéias que marcham no silêncio — Vária
Matéria — Livros de A. Veiga dos Santos. Pedidos
à nossa Gerência.

Política de Buracos (Conclusão)

outro pelo despropósito dos gastos...". Por isso fazia o Dr. Rivadávia uma advertência "...aos homens da república (não da Monarquia, pois estes haviam bem administrado a economia nacional, por força, exatamente, da Monarquia, do Regime, da Instituição política Monárquica, que melhor escolhe os homens que governam o País, eis que os homens são bons e maus em todos os regimens...), TODOS coletivamente RESPONSÁVEIS por esse medonho descalabro..."

Eis aí, caros leitores, as razões principais dos deficits que vêm corroendo as finanças do País e, por via de consequência, destruindo a economia nacional.

"Os povos não têm memória e a imprensa que os serve deve parecer-se com eles", já dizia o Dr. Rivadávia (pág. 42), em 1918. Ninguém se preocupa em estudar, para saber a causa de nossos males. Daí o pulularem sempre, à guisa de desculpas, pelo desatino, os erros, e os crimes que se praticam contra a Pátria, pelos seus DES-governantes republicães, as suas tão louvaminhas, mas nunca efetivamente provadas, "boas intenções". Já Calógeras, o grande Ministro, doutrina: "...Não há país que, tanto como o Brasil, goze de genialidade difusa, ainda quando o furor louvaminheiro desses fabricantes de reputação corde de louros a estadistas de fãncaria e a financeiros da undécima hora". (Referia-se, como é óbvio, aos que nos infelicitaram a pátria desde o fatídico 15 de novembro de 89...).

Todos os novos governos desta RÉ pública das arábias têm atacado os anteriores, culpando-os pelo descalabro encontrado. A verdade é que, mal instalados, começam a praticar os mesmos erros dos anteriores, agravando, cada vez mais, as aflições e as angústias deste magnífico povo, digno de melhor sorte.

Agora mesmo, o que fazem os nossos administradores? Diminuem a despesa, afim de equilibrar o orçamento — único meio de nos pôrmos a salvo desta devoradora inflação? Ao contrário: aumentam a despesa e, para cobri-la, aumentam os impostos numa autêntica política de buracos na água, escorrendo indiscriminadamente os honestos e desonestos contribuintes, na mais vexatória, repugnante e maléfica ditadura fiscal de que temos memória, em toda a história do Brasil.

O resto de alento, o resto da seiva que ainda nos sobram vai ser atirada, este ano, à fogueira dos aumentos de ordenados do funcionalismo madrasso e excessivo. O volume imenso de recursos que o atual governo irá recolher é uma fábula. Para quê? Se os recursos fôsem aplicados ao fomento da produção, ÓTIMO. Em quatro anos estaríamos em condições de nos tornarmos a PRIMEIRA POTÊNCIA DO MUNDO. Mas, aplicados improdutivamente no atendimento de aumentos de ordenados de funcionalismo "que não funciona", adeus! Continuará tudo como dantes, no quartel de Abrantes... e, ousamos afirmá-lo, pior ainda, pois que as esperanças do Povo Brasileiro, que produziram o início da revolução de 31 de março, foram frustradas e o seu desânimo e desencanto poderão levar-nos, ninguém sabe, a que malélicas e irremediáveis consequências.

Aqueles que têm força para poder decidir os destinos de nossa infeliz e estremecida Pátria aqui registramos, mais uma vez, o nosso patético apêlo:

Devoelvi, enquanto é tempo, a D. Pedro Henrique de Bragança, — o legítimo herdeiro daquela magnífica Família de Brasileiros que produziu o milagre da unidade da pátria e sua grandeza passada —, o TRONO de seus Avós para que, produzindo-se "a Justiça de Deus, na voz da História", possa o Brasil reencontrar, nos trilhos de sua verdadeira, tradicional, própria e única Instituição Política, o caminho fácil e manso de seus grandiosos destinos Imperiais!

José de OLIVEIRA PINHO

Política De Buracos Na Água

Estará certa a actual política económica brasileira? Teremos a resposta correcta a esta pergunta consultando, simplesmente, qualquer dicionário; lá encontraremos: **Economia** (do grego oikonomia, de oikos, casa, e nomos, administração) s.f. Regra, medida, na despesa; virtude que leva a regular sábiamente a despesa; boa ordem no governo e administração da casa e de estabelecimento particular ou público fig. Bom uso que se faz de qualquer cousa. **Parcimónia no gastar, poupança.**

Até em sentido figurado, o 'pai dos burros' nos ensina que economia é a arte do equilíbrio orçamentário; equilíbrio que se realiza, 'tout court' adequando a despesa — que depende de nosso arbitrio — à receita (a que estamos confinados) e que depende do arbitrio de outrem.

E isso o que o actual governo está fazendo? — e de resto todos os anteriores des-governos republicanos fizeram —? NAO! Então a actual política económica brasileira está completamente ERRADA!

Desde menino aprendi que o exemplo deve vir de cima. O actual, mais uma vez provisório presidente da RE pública, marechal Castello Branco, aceitou — como Pilatos, cómodamente, lavando as mãos — o bajulador aumento de seu ordenado (inclusive com a novidade da actualização monetária, actualização esta cujo significado não é senão a pública declaração de falência do governo...), pois antes havia aumentado os ordenados dos militares e agora promete aumento aos civis, o que vale dizer: aumentou e continuará aumentando A DESPESA, sendo o pior da história o facto de aumentar a despesa IMPRODUTIVA.

O câncer que corrói a Nação é o funcionalismo excessivo, produto de passadas eleições, desde 15 de novembro de 89.

O senhor Ministro Juarez Távora, em programa de televisão irradiado para todo o País — disse, alto e bom som, que o Ministério da Viação e Obras Públicas tinha que atender ao pagamento de 300.000 (não é erro de tipografia, não; TREZENTOS MIL, mesmo...) funcionários. E funcionários, afirmamos, que absolutamente — JÁ o temos EXAUSTIVAMENTE DITO — não funcionam, pois esse ministério é um dos mais desorganizados que existem. Basta olhar para as empresas de navegação e ferrovias do estado, para se ter a prova desta afirmação incontestável.

E os demais ministérios, autarquias e institutos do Estado? A que números monstruosos atingirá A QUANTIDADE de funcionários que a Nação exaurida e exangue tem que atender? Se tivéssemos à mão esses números veríamos, estarrecidos, que representamos hoje — como desde o fatídico 15 de novembro de 89 —

Uma Nação de 75 milhões de "burros de carga" a trabalhar, a verter sangue, suor e lágrimas, para sustentar uma "avalancha" de "príncipes" da RE pública.

Por isso rejeitam o REGIME dos Príncipes autênticos! Em média esse funcionalismo deve perceber uns 80.000 cruzeiros por mês, o que dá, só para esse ministério a 'bagatela' de 24 BILHOES de cruzeiros POR MÊS e 288 BILHOES por ano. Se atentarmos para o facto

MONARQUIA É A NOSSA LEGALIDADE LEGITIMA

Revolução que se limita a fazer mais uma leizinha eleitoral é fracasso irremediável e definitivo.

O NOSSO ENDEREÇO
EM VIRTUDE DAS NOSSAS DIFICULDADES
COM CAIXAS POSTAIS, TEREMOS POR ENDE-
REÇO, ATÉ POSTERIOR AVISO, O SEGUINTE:
Rua Capitão-Mor Jerônimo Leitão, 108, sobreloja.
S. Paulo — Brasil

de que há uma dezena de outros Ministérios para "melhor" desgovernar a Nação, poderemos imaginar o volume da despesa nacional com essa parte do orçamento. Segundo dados que se poderão colher — embora "propositadamente nebulosos", para que nem todos os possam compreender direito — em Conjuntura Económica (a revista especializada, da Fundação Getúlio Vargas) a despesa com o funcionalismo FEDERAL (Não se levou em conta o estadual e o municipal que são outros cânceres a corroer as finanças públicas deste pobre e infeliz país) chega a superar a receita provável dos orçamentos votados pelo Congresso.

A causa de tudo isso — sem que nenhuma honesta contestação possa nos desmentir — é a RE pública. Ela foi proclamada (segundo palavras do próprio RuiM Barbosa, em seu discurso no Senado, em 3 de novembro de 1891), com o firme propósito de desmontar as finanças da MONARQUIA (e, portanto, brasileiras), e assim continuou a ser feito por todos os demais DESgovernos republicanos que continuaram, até hoje, a destruir, impunemente, o património nacional.

Já em 1918 o senador e ex-ministro da Fazenda do governo Hermes da Fonseca, Dr. Rivadavia Corrêa, em discurso no Senado (repetia o RuiM...) publicado em livro (A Verdade sobre a situação financeira do Brasil em 1914 — Imprensa Nacional 1919 — pág. 12) dizia que isto acontecia "...já, por efeito de leis inçadas de excessivos favores aos servidores do país...". Daí, continuava, (pág. 35) "...daí o excesso de pessoal que existe em quasi todas as repartições; quem quer que lance os olhos e examine as tabelas dos diversos Ministérios, verificará de golpe que, em grande parte das repartições federais, é escandaloso o número de funcionários, o que constitui um peso enorme para o Tesouro, no presente, e uma maior ameaça para o futuro pelas conseqüentes aposentadorias, gratificações adicionais e montepios". Estes, (pág.36) "...os aposentados e reformados já formam legião..."

Já naquela remota era — notem — (pág. 37) "...estávamos assistindo à formação de duas séries de funcionários, como a de dois exércitos e duas marinhas, estes dois últimos agravados, pelos quadros suplementares que não se explicam e acarretam pesados ônus para os cofres públicos, hoje, maior espanto deve causar a cifra colossal que nos orçamentos da despesa se destina aos inativos de toda a espécie". Como consequência disso (pág. 35) "...em vez de uma classe de funcionários, trabalhando para a nação, teremos a nação trabalhando para a classe dos funcionários..." Como se vê, o Dr. Rivadavia foi decididamente, profético...

E esses "...desatinos (pág. 40) que de longa data temos vindo a praticar (desde 15 de novembro de 89, dizemos nós e a seguir provamos) foram consequência lógica da "...febre de dissipação, que há anos domina o Congresso e o Governo, tão responsável um como o

(Continua na pág. 3)

NÃO CONSULTE CHARLATAES EM POLITICA. LEIA "IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS. — Em todas as livrarias de S. Paulo.